



360 por Jane Godoy
Graus

Por Jane Godoy • janegodoy.df@dabr.com.br

“Ódios, rancores e ressentimentos são cadáveres que clamam por sepultura!”

Dad Squarisi

Arquivo pessoal



Um projeto incrível!

Foi criado em Brasília um projeto tão delicado quanto sensacional, visando a prática do remo, no Lago Paranoá. Até aí, nada de diferente ou especial. Só que o programa se chama Canomama e foi desenvolvido por um motivo muito nobre e solidário, ou seja, que acolhe as sobreviventes do câncer de mama. “Remando, elas driblam as dores e os traumas emocionais deixados pela doença após a mastectomia”, detalha Paulo Domingues, voluntário que teve a iniciativa de montar o projeto, pois a prática da canoagem ajuda no tratamento do câncer de mama.

Tudo começou com o médico Don Mackenzie, do Departamento de Medicina Esportiva e Fisiologia do Exercício da University of British Columbia, em Vancouver, no Canadá. Em 1996, ele e uma pequena equipe de remo com ex-pacientes, vítimas de câncer de mama, pretendiam estudar o impacto do esporte na vida das sobreviventes, fortalecendo os músculos da parte superior do corpo, que é a mais afetada pela mastectomia e retirada de linfonodos axilares.

Nasceu, então, em Vancouver, há 25 anos, a breast in a boat, que reuniu mais de 2 mil ex-pacientes em torno da celebração da vida e da cura. Essa relação entre o câncer de mama e a canoagem foi usada especificamente a embarcação Dragon Boat.

Ficou, então, comprovado que exercícios vigorosos para o corpo em mulheres que se trataram de câncer de mama diminuiriam o desenvolvimento do linfedema, uma debilitação crônica consequente do tratamento.

Atualmente, existem no mundo mais de 150 times de mastectomizadas atletas. Em 2015, o atleta Marcelo Bosi foi convidado para trazer o projeto para Brasília. Com uma equipe de profissionais surgiu o Canomama, em que superação, determinação, conectividade, sororidade, união, solidariedade e força são as palavras de ordem.

Duas vezes por semana, elas se reúnem, obedecendo todos os requisitos necessários para a prática do remo.

Em um barco improvisado, o grupo de remadoras sonha comprar um equipamento apropriado para a prática do esporte.

Quem desejar ajudar o Projeto Canomama Dragon Boat Time/Brasília é só ligar para 9 9981-9681, com Paulo Domingues.

Arquivo pessoal



O voluntário e incentivador Paulo Domingues

Arquivo pessoal



Alongamento para iniciar o exercício

Arquivo pessoal



Seguindo em frente, com muita união

Todas a postos para iniciar o treino

Arquivo pessoal



As participantes do Canomama recebem instruções

Arquivo pessoal



A união faz a força, mais disciplina e atenção

Arquivo pessoal



A Ponte JK e o Lago Paranoá como cenário

SEMANA DA ÁGUA

Hoje tem plantio voluntário

Comunidade pode participar da arborização no Parque das Garças, no Lago Norte. Ação está marcada para ocorrer das 8h às 11h

» ANA MARIA POL

A Semana Mundial da Água, em alusão ao Dia Mundial da Água — celebrado em 22 de março —, que coloca em pauta a importância do recurso hídrico e alerta quanto aos impactos da ação humana em rios, lagos e mares, se encerra hoje. A Secretária do Meio Ambiente e o Instituto Brasília Ambiental, em parceria com

a Fundação Banco do Brasil e execução do Instituto Espinhaço, realizará a ação de Plantio Voluntário do Recupera Cerrado, das 8h às 11h, no Parque Ecológico das Garças, no Lago Norte, com a participação da comunidade.

No local, serão plantadas mudas de espécies do cerrado — como peroba, copaíba, ipês, pau santo e buriti — e distribuídas sementes identificadas, a fim de evidenciar a diversidade de árvores

Divulgação



Ipê é uma das espécies que serão plantadas no Parque das Garças

nativas usadas pelo projeto. “As árvores fazem com que a água se infiltre no solo e não escorra. A infiltração faz com que a água saia em nascentes ou olhos d’água, com o tempo. É importante sempre lembrar que água infiltrada é água guardada, e água escurrida é água perdida”, explica professor e ecologista Nicolas Behr.

Nicolas ressalta que a água, no DF, é um recurso escasso. “Ainda vivemos com o mito da abundância em mente, com a ideia de que a água é infinita. O desperdício que vemos é causado por isso, mas, apesar da água ser um recurso renovável, ainda é o mais ameaçado pela expansão urbana, aterramento e urbanização em

áreas de nascentes”, alerta.

A ação faz parte do Recupera Cerrado — Orla Norte do Lago Paranoá, lançado na quinta-feira. A iniciativa é uma continuação do Projeto de Recuperação de Áreas Degradadas e Danos nas Áreas de Preservação Permanente (APPs) do Governo do Distrito Federal, e deve revitalizar 40 hectares, com investimento de R\$ 1,2 milhão provenientes de compensação florestal. O objetivo é garantir a segurança hídrica, a biodiversidade e o engajamento socioambiental integrado, com base nas ações de conscientização e preservação ambiental devido aos desgastes naturais e histórico de uso e ocupação.

LITERATURA

Carlos Monforte lança novo livro

» PEDRO ALMEIDA*

O escritor e jornalista Carlos Monforte promove, em conjunção com a Matrix editora, uma noite de autógrafos do novo livro *O papel do jornalista sem papel*. O evento será na próxima segunda-feira, das 18h30 às 21h30, na Livraria da Travessa, no shopping CasaPark. À porta de um grande jornal norte-americano, um imenso painel fazia a projeção: por volta de 2043, os jornais sairiam de circulação. Acima do gráfico, havia a frase “o jornal está morrendo”; logo abaixo, grafado pelos jornalistas, lia-se “mas o jornalismo não”. Com essa anedota, presente na obra, Carlos Monforte reflete sobre a importância desse ofício.

Há, no escritor, propriedade para tais reflexões. Nos quase 50 anos de carreira, Monforte

foi testemunha da transmutação do fazer jornalístico. Da poeira e do cheiro de tinta na redação do *A Tribuna*, em Santos, às matérias on-line, passando pela televisão, ele viu a notícia se adaptar e se reinventar, mas sem nunca perder o valor. Carlos resolveu, então, reavivar o lado escritor, o mesmo que o levou à faculdade de jornalismo em Santos nos anos 1960, para editar o livro, que não é uma autobiografia, mas se aproveita da vasta experiência de vida do autor. Como bom repórter, ele apresenta, além dos relatos pessoais, diversas fontes reunidas em uma ampla bibliografia.

O jornalista é um ser conservador por natureza, de acordo com Monforte. Houve, à época do surgimento da tevê, uma relutância em trocar as laudas pelas

Noite de autógrafos

O papel do jornalismo sem papel, de Carlos Monforte

» Dia 28 de março, segunda-feira, das 18h30 às 21h30, na Livraria da Travessa, Shopping CasaPark — SGCV Sul, SgcV Lt 12/22 Ae, Guarã, Brasília.

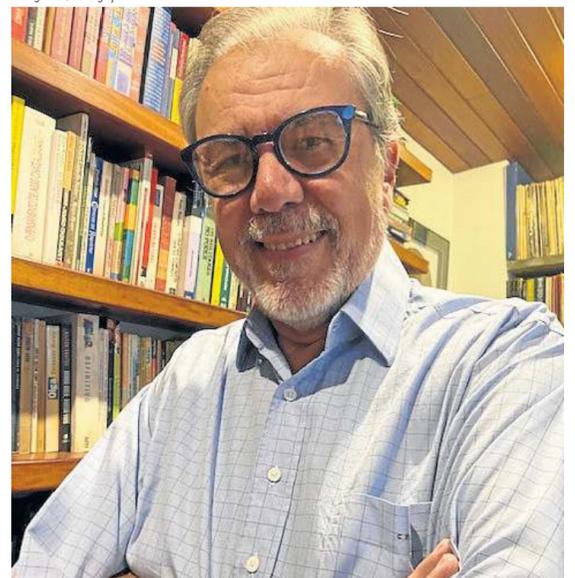
câmeras. Pioneiro na televisão como um dos âncoras da história do Brasil, ele relata a dificuldade de adaptação à nova realidade. Além das ferramentas, era preciso batalhar contra o tradicionalismo, que julgava o formato como superficial. Assim que o telejornalismo provou conseguir entregar os fatos com agilidade, logo se estabeleceu e ganhou

força. Para o autor, a transição entre a telinha no centro da sala de estar e as telas on-line de bolso foi menos brusca, afinal o jornalismo televisivo já contava com a produção veloz e ininterrupta e pôde imprimir tal aceleração na internet.

Afinal, o que muda com a chegada da internet? Para Monforte, o panorama atual, em que cada pessoa é um canal de conteúdo, faz com que a credibilidade seja o lastro dos veículos de notícias. Em um mundo de pós-verdades, no qual todos contam tudo a todo tempo, é preciso escolher em quem confiar. Por isso, o jornalista precisa bater no peito e reafirmar o compromisso com a apuração da verdade.

* Estagiário sob a supervisão de Guilherme Marinho

LC Agência/Divulgação



Em O papel do jornalista sem papel, autor reflete sobre a profissão